

Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão

Estudos em Homenagem ao  
*Doutor*  
*António do Nascimento*  
*Sá Coixão*

COORDENAÇÃO  
Sandra M. Euzébio Naldinho  
Tony Silvino

COORDENAÇÃO  
Sandra M. Euzébio Naldinho  
Tony Silvino



## **Ficha Técnica**

Título: **Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão**

Organização: **Museu da Casa Grande de Freixo de Numão**

Coordenação: **Sandra Naldinho & Tony Silvino**

Edição: **Museu da Casa Grande de Freixo de Numão**

Fotografia da Capa: **António Martinho Baptista**

Ano de Edição: **2021**

Conceção Gráfica: **Tipografia Lobão, Lda.**

Nº de Exemplares: **300**

ISBN: 978-972-99799-7-2

Depósito Legal: 485384/21

*Os artigos publicados são inteiramente da responsabilidade dos seus autores.*

**Estudos em Homenagem ao**  
*Doutor*  
*António do Nascimento*  
*Sá Coixão*

**Coordenação**

Sandra M. Euzébio Naldinho

Tony Silvino

## *Sumário*

### *Abertura*

Sandra Naldinho/ Tony Silvino . . . . . 11

### *António do Nascimento Sá Coixão*

*Arqueólogo, Historiador, Museólogo, Professor e Promotor Social*

Sandra Naldinho / Paulo Moutinho. . . . . 13

### *Tributo a António Sá Coixão*

Alexandra Cerveira Lima . . . . . 31

### *Das páginas do meu diário*

António Martinho Baptista . . . . . 35

## ***Estudos***

*Entre o campo e o texto. Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) nas relações entre métodos e discurso*

Ana Margarida Vale . . . . . 41

*A mulher e o trabalho - Notas para uma história da mulher no concelho de Vila Nova de Foz Côa*

António A. R. Trabulo . . . . . 65

*Ferme aristocratique antique, auberge et production vinicole en bordure de la voie de l'Océan dans le Val de Saône (France)*

Damien Tourgeon. . . . . 89

<i>A mina de estanho antiga de Vale do Mouro (Coriscada, Mêda, Guarda). Estudo preliminar</i> Emmanuelle Meunier, Filipa Dias, Alexandre Lima, Rui Silva, José Mirão e Elin Figueiredo . . . . .	103
<i>Os sistemas de contrafortagem no sítio arqueológico de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa). Algumas notas e reflexões</i> João Muralha Cardoso . . . . .	119
<i>Linguagem, Experiência e Tempo na obra narrativa de Vergílio Ferreira</i> Jorge Augusto Maximino . . . . .	131
<i>Sobre a epigrafia romana do Baixo Côa</i> José d'Encarnação. . . . .	141
<i>Contributo da comunidade fozcoense para o enriquecimento da cultura e da língua portuguesas</i> José Manuel Costa Ribeiro. . . . .	151
<i>Le mobilier en verre antique du nord-est du Portugal : les sites du Vale de Mir – Pegarinhos, de Rumansil I – Murça do Douro et du Vale do Mouro – Coriscada</i> Laudine Robin . . . . .	181
<i>O estado das igrejas do padroado da Universidade de Coimbra no entre Côa e o Távora nos finais do século XVIII e os rendimentos dos seus párocos</i> Luciano Moreira. . . . .	199
<i>Mulheres em Armas! Uma diferente hipótese interpretativa sobre uma conhecida figura da rocha 3 da Vermelhosa</i> Mário Reis . . . . .	225
<i>Les mosaïques de Coriscada – Vale do Mouro</i> Mélissa Légier-Nicolle . . . . .	245

<i>António do Nascimento Sá Coixão e os romanos – uma história de vinhos</i> Pedro Pereira . . . . .	263
<i>Deux dépôts monétaires tardo-antiques de la vallée du Douro : Vale de Mir (Pegarinhos, Alijò). Étude préliminaire</i> Rodolphe Nicot . . . . .	277
<i>Os vestígios pré-históricos entre as gramáticas da memória</i> Sérgio Gomes / Alexandra Vieira . . . . .	303
<i>The Process of Neolithisation in Northern Portugal</i> Sérgio Rodrigues . . . . .	317
<i>Des cochons pour Coixão. Premières attestations de banquets de porc à Lyon (Rhône, France) au premier âge du Fer</i> Thierry Argant . . . . .	335
<i>Descoberta de duas novas rochas no Núcleo de Arte Rupestre da Penascosa (Castelo Melhor/Almendra, Vila Nova de Foz Côa)</i> Thierry Aubry, António Fernando Barbosa, Luís Luís, André Tomás Santos, Marcelo Silvestre . . . . .	347
<i>Le territoire antique de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) : poste avancé de la Lusitanie aux confins nord-ouest de la péninsule ibérique</i> Tony Silvino . . . . .	371
<i>Le phénomène des dépôts d'objets métalliques durant l'Antiquité tardive : l'exemple du site de la villa du Vale do Mouro (Coriscada, Portugal)</i> Vincent Rault . . . . .	401
<i>A propósito de arqueologia e de antropologia: algumas notas pessoais dedicadas a António Sá Coixão, 30 anos depois</i> Vítor Oliveira Jorge . . . . .	413
<i>Portefólio</i> . . . . .	423

## Sobre a epigrafia romana do Baixo Côa

José d'Encarnação

*Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

**Resumo:** Traça-se uma panorâmica do conteúdo da tese de doutoramento de A. N. Sá Coixão sobre a romanização do Baixo Côa. Particular atenção merecem os documentos epigráficos nela referidos, numa contribuição para, nesse âmbito, vir a concretizar-se uma segunda edição. Mostra-se, por fim, quão fora do comum, no melhor sentido da expressão, é o conjunto epigráfico romano da região, demonstração clara de uma precoce instalação de colonos, com um grau cultural acima do comum, o que está bem patente na terminologia epigraficamente documentada.

**Abstract:** A brief overview about the Sá Coixão's book *A Romanização no Baixo Côa*. Particular interest is given to the chapters where the epigraphic documents are mentioned, in view of suggesting another ways to study this important corpus. Really, the Roman inscriptions of this region are very original, notably because – yes, we have the ex-vota and the funerary texts as usually... – these Romans had given special attention to the utilitarian inscription, if we can qualify them so. Here, an hortus; there, a via prepared by a pre-roman people; and further, a singular traiectus.

**Palavras-chave:** Lusitânia romana; epigrafia; aculturação.

**Key words:** Roman Lusitania; Roman epigraphy; Baixo Côa.

Quem acompanhou a par e passo a actividade quase solitária e sempre corajosa e perseverante de António do Nascimento Sá Coixão, com uma humildade científica digna do maior encómio, facilmente compreenderá como a sua tese de doutoramento. em Estudos do Património – Arqueologia, sob o título *A Romanização do Baixo Côa*<sup>1</sup>, constitui o natural corolário dessa actividade. Orientada pelo Doutor Armando Coelho, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi defendida a 21 de Julho de 2017, nessa Faculdade.

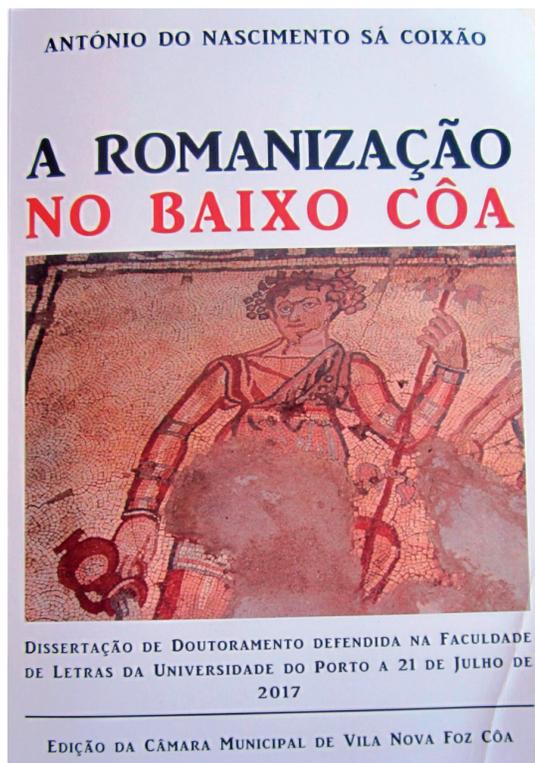


Fig. 1. Capa da edição de A. N. Sá Coixão sobre a romanização do Baixo Côa

Panorâmica dos vestígios romanos numa área a que se convencionou designar de Baixo Côa, abrangendo «as áreas de quatro municípios do distrito da Guarda» (p. 24) – Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo, Mêda e Pinhel – núcleos urbanos, sítios «com formas subsidiárias urbanas, com destaque para o *vicus* de Vale do Mouro» e uma espantosa série de *villae*, assim como «casais e estações várias», que evidenciam, na opinião do Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva, «a diversidade da reprogramação imperial» (p. 4).

São 566 páginas, 5 capítulos.

1. Editada, em Julho de 2018, pela Câmara Municipal de Vila Nova Foz Côa (ISBN: 978-972-99799-6-5). Reproduz-se a capa na fig. 1.

## 1. A panorâmica

Analisa-se no capítulo 1 (p. 24-74): o quadro territorial; os antecedentes proto-históricos; no apartado sobre a conquista romana inclui-se a discussão sobre a eventual identificação de *Coniumbriga* com *Conimbriga* (devido à ara dedicada *diis deabusque Coniumbrigensium*), citando-se, a propósito, as posições assumidas por Patrício Curado e trazendo, inclusive, à colação testemunhos de Frei Bernardo de Brito e as determinações do concílio provincial de Toledo de 675.

Como se processou o povoamento é o tema do capítulo 2. Referem-se as capitais de *civitates* (2.1); aliás, apenas uma: *Meidobriga*. 2.2 tem o título *vici e castella*, subdividido em dois apartados: *villae* e casais; as *villae* e o mundo rural romano. Traz 2.3 o rol, em tabelas, dos sítios arqueológicos referenciados. Os títulos seguintes não se integram em numeração: «A romanização na área do concelho de Vila Nova de Foz Côa» (p. 103-110); «Novos dados para o estudo do povoamento da área urbana de Freixo de Numão da Pré-História aos nossos dias» (p. 111-140), onde se incluem os resultados obtidos pela investigação arqueológica levada a efeito pelo autor em vários sítios desse concelho. Da p. 141 à 158, é a vez de se referir o que foi feito no território de Mèda. Pinhel ocupa as p. 159-163; os «vestígios da ocupação romana» em Figueira de Castelo Rodrigo são enumerados de seguida (p. 164-170).

Tema do capítulo 3 (p. 171-295): a economia. Realce para: a mineração; a agricultura (o vinho e a vinha, os cereais e os celeiros<sup>2</sup>, os dados fornecidos pelos estudos antracológicos e arqueozoológicos); a actividade industrial e comercial (a tecnologia têxtil, as cerâmicas, os mosaicos, a circulação da moeda, a rede viária).

No capítulo 4 (p. 296-333), «A religião», tecem-se considerações sobre, fundamentalmente, as informações que os monumentos epigráficos deixam transparecer e, por isso, da p. 300 à 304, vêm fichas sumárias, com foto, de sete inscrições votivas, para, de seguida, se falar das práticas funerárias e se dar conta das inscrições conhecidas, em 4.3 «epigrafia romana».

«O fim do mundo antigo e o começo da Idade Média» é o tema do capítulo 5 (p. 322-333) e o volume termina com as «considerações finais», as referências

---

2. Permita-se-me que recorde ter-me apressado a comunicar a Sá Coixão que se identificara um celeiro na *villa* romana de Freiria (S. Domingos de Rana, Cascais) e que, dadas as características das estruturas que eu vira na Museu da Casa Grande, cujo significado estava então ainda por esclarecer, que aí se teria também um celeiro. Essa identificação permitiu outras noutros locais do Baixo Côa.

bibliográficas e 195 estampas, sendo de registar que da estampa 169 à 192 se repetem as fotos das epígrafes e se apresenta nova ficha de cada uma.

...

Já tive ocasião de referir quanto me parecia lógico designar os Romanos desta região como «os Romanos do negócio»<sup>3</sup>. É que, habituado a ver a magnificência das *villae* do Sul da Lusitânia, mais dirigidas ao *otium*, os equipamentos romanos daqui estão claramente mais voltados para o *negotium*. A agricultura, portanto, mas, de modo especial, a exploração mineira.

Não hesitaria, aliás, a ver nesta riqueza a precoce vinda de gentes, documentadas, por exemplo, na onomástica patente nos monumentos epigráficos, simbiose dos indígenas com os recém-chegados e, sobremaneira, na utilização de vocábulos inusuais, assim como de mensagens de teor prático, útil, os grafitos<sup>4</sup>, sem se descurarem, no entanto, as inscrições funerárias e votivas. De resto, também nestas últimas se denota assinalável aculturação: o culto às divindades indígenas coexiste com as manifestações de preito às divindades ditas «clássicas».

## 2. A epigrafia no livro de Sá Coixão

Epigrafista me confesso; não estranhará, por isso, que deixe aos arqueólogos militantes o comentário aos achados arqueológicos e que centre o meu interesse nas páginas dedicadas aos vestígios epigráficos, alguns dos quais já haviam merecido a nossa comum atenção.

O que Sá Coixão nos apresenta serve como ponto de apoio para quem deseje debruçar-se de novo sobre estes monumentos, os quais, a partir, por exemplo, da onomástica, poderão ser identificados num *corpus* actualizado, designadamente na base HEpOL. Não se utilizará, pois, este *corpus* elaborado por Sá Coixão senão de completo repositório informativo – e esse o seu mérito, inclusive para epigrafistas porventura interessados em obter mais dados, passíveis de virem a ser integrados, se for caso disso, numa desejável 2ª edição do volume.

---

3. A 21.05.1996, fiz em Vila Nova de Foz Côa, a convite do Município, uma conferência sobre «O valor arqueológico do concelho de Vila Nova de Foz Côa», na cerimónia comemorativa do Dia do Município, a pretexto da apresentação da *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, de António do Nascimento Sá Coixão. O texto dessa conferência foi publicado em parte (Encarnação 1996).

4. Relativamente abundantes, de facto, no conjunto da epigrafia romana do Baixo Côa, como pode ver-se nos testemunhos documentados nas estampas 149-150, 153 a 164.

Não houve, de facto, outra preocupação senão esta: a de assinalar a existência. Ou seja, não se procure aí um estudo epigráfico nem, de resto, se vislumbra qualquer intenção nesse sentido, mormente no que se refere a uma qualquer obediência às regras gráficas habituais de apresentação.

Veja-se, a título de ilustração, a inscrição nº 36 (p. 319), cuja ‘ficha’ ora se reproduz na fig. 2.

A epígrafe, aparentemente uma estela de frontão triangular, foi estudada por Justino Mendes de Almeida e Fernando Bandeira Ferreira (1966: pp. 351-354). Com base no desenho por eles apresentado, o texto poderá estar alinhado à esquerda e a leitura desdobrada é a seguinte:

D(iis) · M(anibus) · / IVLIO VE/GETO ANN(orum) V (*quinque*) /  
 IVLIO / <sup>5</sup> AVITIANO / ANN(orum) XXV (*quinque et viginti*) Q(*uintus*)  
 / IVLIVS AVI/TVS PATER / ANNIA RE/<sup>10</sup>BVRRINA / MATER /  
 F(*aciendum*) C(*uraverunt*)

Apenas algumas diferenças se notam na leitura epigráfica propriamente dita; há, porém, inúmeros lapsos no que concerne à disposição tipográfica.

Aproveite-se para assinalar que o estudo inicial desta epígrafe não foi tido em conta em *L'Année Épigraphique* de 1966 e o texto – apesar de os antropónimos nele referidos constarem do *Atlas Antroponímico da Lusitânia* – não entrou, até agora, nas bases de dados HEpOL e EDCS. Abascal (1994) teve dele conhecimento, ainda que assinale a proveniência da epígrafe de forma duvidosa: «S. Andre (? xxx).

<p>36 – Inscrição de Santo André (Almofala)</p> <p>Num provável castro Romanizado, entre dois berrões, pedras almofadadas e fustes, uma inscrição que se encontra hoje na sede da Junta de Freguesia de Almofala e que datará do século I d.C.</p> <p>Leitura:</p> <p>D (iis). M (anibus). / JULIO Ve / geto Ann (orvm) V /          / JULIO /b aritiano / Ann(orvm) XXV C (aios) / Julius          AVI / Tus Pat / Annia Re / burrina / Mater / F (aci          Endum). C (Uraverunt)</p> <p>(consagrado aos deuses manes). “ A Julio Vegeto de cinco anos e a Julio Avitano de vinte e cinco anos, fizeram o pai Caio Julio Avito e a mãe Annia Reburrina”</p>
--

Fig. 2: Inscrição de Santo André (Almofala)

Trata-se, por conseguinte, de uma ficha, a de Sá Coixão, assaz simplificada, de cada epígrafe, contendo a descrição muito sumária (inexistente no caso em apreço), a informação do local de achado e do paradeiro actual, com leitura e tradução não cuidadas.

Não há, de um modo geral, indicação bibliográfica; e, quando a há, é amiúde de vaga e inexacta. Veja-se a inscrição nº 30 (p. 317-318): indica-se «(Perestrello, 1998a, p. 272)», que não vem citado na bibliografia final. Na inscrição nº 32 (p. 318): «(Curado, 1986, p. 77)», igualmente omissa (será Curado 1985). Na inscrição nº 34 (p. 318-319): «(Curado, 1985a, p. 650)», referência que não corresponde ao artigo de 1985a mencionado na bibliografia (é: Curado 1985, pp. 650-651). Afirma-se que a dedicatória B a Júpiter (p. 300-301)<sup>5</sup> vem numa ara «identificada por D. Domingos de Pinho Brandão», mas esse autor não consta na bibliografia (é: Brandão 1959, pp. 66-70). Essa bibliografia final merecerá, de facto, uma futura revisão, para que, por distração, se não divulguem dados menos correctos.

### 3. Uma epigrafia singular

Para além dos ex-votos a divindades indígenas, sempre apetecidos mormente por quem se dedique ao fenómeno da aculturação linguística e religiosa, avultam os textos a divindades clássicas, nomeadamente a Júpiter, de tal forma que, na pág. 305, se mostra a «restituição», feita por Pierre André, «do templo de *Jupiter* em Marialva (Mêda)». Sobre ele se escreve (p. 296) que «em Marialva, na zona da Devesa, por cima do Largo do Negrilho e integrando o antigo Largo da Feira, ainda há vestígios significativos do provável templo dedicado a Júpiter», de que se mostram imagens nas estampas 107 e 108 (p. 478 e 479).

Tem sido bastante referida a homenagem prestada pela *civitas Aravorum* ao imperador Adriano. Não se trata de uma «inscrição monumental» (como se escreve na p. 155): «A sua relativa pequena espessura, o facto de não estar moldurada lateralmente e de a face posterior não se apresentar trabalhada levam a crer que se destinou a ser embutida ou, por outras palavras, não foi pensada para uma existência autónoma, por exemplo como pedestal», e a «circunstância de ter sido deixado um espaço maior após a última linha sugere que a leitura seria feita a um nível superior ao do olhar normal, o que melhor se coaduna com a de “texto” para legendar escultura» (Encarnação 2014, p. 133), ou seja, deverá ter sido, como há outros exemplos, a placa para embutir num pedestal que sustentaria, por exemplo, o busto do imperador. Dir-se-á que, em vez de se afirmar que «a lápide poderá datar de cerca do ano 120» (p. 156), há possibili-

---

5. Nessa página 300, quatro das estampas vêm em negro.

dade de se concretizar mais essa datação: atendendo ao poder tribunicio, que é o V (quinto), a inscrição data de 10 de Dezembro de 120 a 9 de Dezembro de 121, ou seja, mais provavelmente do ano 121.

Tive ocasião (Encarnação 2014a, p. 218-220) de chamar a atenção para a importância da inscrição rupestre que identifica o horto de Reburro, filho de Públio, na medida em que «é de prever que, dado o seu conteúdo, textos idênticos ali venham a ser encontrados: não foi certamente Reburro o único a ter essa preocupação» e, por isso, além de «uma prospecção sistemática do território deste concelho», importa proteger «a fraga onde esta inscrição foi gravada» (*ibidem*, p. 220, nota 10). Na ocasião se citaram as poucas ocorrências do vocábulo (*h*)*ortus* na documentação epigráfica romana conhecida.

Esta, uma inscrição que mostra o carácter concreto patente nas epígrafes do Baixo Côa.

Recorde-se que a inscrição nº 15 (p. 314), feita numa fraga da margem esquerda da ribeira Teja, pode ser entendida como assinalando o trajecto melhor a seguir para atravessar: em AE 2001 1161, comentando o que escrevêramos (Coixão & Encarnação 2001, 201-202), se anota a possibilidade de ter sido essa a iniciativa de uma «nova comunidade de natureza imprecisa», quiçá designada *Arreas(s)enses*, sendo – assinala-se – o termo *traiectus* próprio da linguagem dos agrimensores. De resto, uma rápida consulta a EDCS permite concluir que *traiectus* é, na verdade, um termo pouco usado nos textos epigráficos (19 testemunhos). Assinala-se, v. g., que, em Óstia, dois libertos se identificam como *curatores traiectus Luculli* (EDCS 7400134 = AE 1987 193), isto é, pertenciam à corporação dos *lenuncularii* que usavam esse trajecto e que dele se encarregavam para o ter em boas condições de navegabilidade, uma vez que *lenuncularius* era o proprietário de um pequeno barco, o *lenunculus*. Há, de resto, outras referências epigráficas a membros dessa corporação de Lúculo assim como aos *scapharii traiectus Rusticeli* (exemplo, de Óstia, EDCS 59900170). Assinale-se, a propósito que a conotação com mar ou com cursos de água é permanente, como pode ver-se na homenagem que, no século II, se presta ao *nauclerus Lucius Cassius Hermodorus*, salientando-se a valentia com que, amiúde, enfrentou as agitadas ondas, mormente em estreitos de difícil navegação: *per freta per maria traiectus saepe per undas qui non debuerat* (EDCS 14804354).

Convirá não esquecer que junto a esta há uma outra deveras enigmática, a quase sibilina epígrafe (a nº 10, p. 313, do livro de Sá Coixão), que foi dubitativamente interpretada assim: *Antirus po[s]uit HE() / sine furtu [o]raculo(?)* (cf. EDCS-23900220 e AE 2001 1162). *Antirus* está por *Anteros*, a forma mais comum deste antropónimo; mas será viável a tradução «Antiro colocou a Hércules, por meio de oráculo, sem furto», seguindo, como assinalámos (Coixão

e Encarnação, 2001, 202-204) uma sugestão de Marc Mayer, segundo o qual Antiro teria pedido o apoio de Hércules para que a divindade lhe indicasse o melhor percurso a seguir, não sujeito a assaltos (*sine furtu*), e que, em agradecimento dessa consulta oracular, mandara gravar a epígrafe. Se, por outro lado, como também propusemos, *HE* se desdobrar em *heredium*, poderíamos pensar que, consultado o oráculo, ali se fixaram sem dolo os limites da propriedade que a Antiro coubera em herança.

Nesse aspecto utilitário cumpre também referir outra inscrição rupestre, que Patrício Curado bem estudou (1985), depois de ter sido alvo de interpretações mui diversas: *Asanianc(enses?) via(m) fecerunt*, «os Asaniancenses fizeram a via».

Uma epigrafia, na verdade, deveras singular, sobre a qual os mistérios pairam, sim, mas uma certeza também: os Romanos que viveram no Baixo Côa estavam bem por dentro dos hábitos epigráficos romanos.

### **Em conclusão:**

No que aos vestígios epigráficos diz respeito, poder-se-á afirmar que esta obra de Sá Coixão constitui terreno fértil onde foram lançadas boas sementes, em jeito de desafio aos investigadores. A estes, quais irrequietas e mui laboriosas arvéloas em campo lavrado, compete descobrir as sementes, por entre os torrões, e transformá-las em delicioso manjar.

E sempre, apesar dos torrões, ao solícito e mui dedicado semeador hemos de estar gratos!

### **Bibliografia**

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia: Universidad, Secretariado de Publicaciones.

- AE = *L'Année Épigraphique*, Paris: Presses Universitaires de France.

- ALMEIDA, Justino Mendes de e FERREIRA, Fernando Bandeira (1966), “*Varia epigraphica*”, *Revista de Guimarães*, 76, pp. 339-358.

- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1959), “Ara dedicada a Júpiter na Igreja de Vila Nova de Fozcoa”, *Humanitas*, 11-12, pp. 66-70.

- COIXÃO, António N. Sá e ENCARNAÇÃO, José d' (2001), “Epigrafia rupestre de Numão”, in *Saxa Scripta – Actas do III Simpósio Ibero-Itálico de Epigrafia Rupestre*, Viseu, pp. 199-208, acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/12251>
- COIXÃO, António N. Sá e ENCARNAÇÃO, José d' (2014), “Inscrição votiva de Longroiva”, *Ficheiro Epigráfico*, 114, inscrição nº 489, acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/25029>.
- COIXÃO, António N. Sá e ENCARNAÇÃO, José d' (2014a), “Pendente com crísmo e inscrição”, *Ficheiro Epigráfico*, 123, inscrição nº 526, acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/27697>.
- CURADO, Fernando Patrício (1985), “Inscrição rupestre de Numão (Vila Nova de Foz Côa)», *Ficheiro Epigráfico*, 11, inscrição nº 48.
- CURADO, Fernando Patrício (1985a), “Epigrafia das Beiras (notas e correcções – 1)”, *Beira Alta*, 44, pp. 641-655.
- CURADO, Fernando Patrício (1986), “Fragmento de ara do Museu de Pinhel”, *Ficheiro Epigráfico* 17, inscrição nº 77.
- ENCARNAÇÃO, José (1996), “Os Romanos do Negócio”, *O Fozcoense* de 15.06.1996.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1994), “Apostilas epigráficas”, *Humanitas*, 46, pp. 217-230 (= AE 1994 833), acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/20643>.
- HEpOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica*, revista editada pela Universidade Complutense de Madrid, acessível em <http://eda-bea.es/>
- NAVARRO CABALLERO, Milagros e RAMÍREZ SÁDABA, José Luis [coord.] (2003), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus: Fundación de Estudios Romanos e Ausonius Éditions.